EDIÇÃO 02/25

Boletim NEPPA/EPC

Maio de 2025

ARTE EM FOCO

O bullying não é legal.
Ele só traz tristeza
No coração que antes era quente,
Hoje só tem frieza.

A pessoa que faz bullying acha divertido
Mas para o outro pode ser um castigo.
Ninguém sabe o que fala
Quando diz que humilhar o outro é legal.
Ah! Tem até os que dizem que fazer
bullying é sensacional!

Alguns fazem por brincadeira, achando que
é besteira.
Mas quando você realmente vê
A outra pessoa não encara como
brincadeira
E sim como uma humilhação
Como se você quisesse quebrar o coração.

Fazer bullying não é ter empatia
É o mesmo que falar
Que preto na periferia tem que ser bandido.
Mas ninguém pensa no prejuizo ao gritar.

A empatia é uma coisa que todos devem
ter
Mas poucos tem.
Quando você não tem empatia,
Não tem o direito de dizer amém.
Porque Deus não nos fez para humilhar
uns aos outros
E sim para dar amor e consolo.

***

Vinicius, 13 anos - Rio de Janeiro/RJ

Ilustração: Eduardo Scheneider, 14 anos.
Descrição: Entre a repressão e a humilhação!

Nesta edição		
Arte em foco	Destaque na mídia	Artigo especial
Blog do Neppa	Na tela ou na estante	Novidades

DESTAQUE NA MÍDIA

Conectados ao Risco

Luciana Sianto

A morte recente de uma menina de 8 anos, supostamente vítima de um desafio na internet, colocou mais combustível na discussão sobre os perigos aos quais crianças e adolescentes estão expostos nesse ambiente. Abalados por notícias como essa e também por produções como a minissérie Adolescência, da Netflix, pais e cuidadores têm procurado, cada vez mais, os profissionais de saúde mental, preocupados com os conteúdos que crianças e adolescentes estão consumindo na internet.

O número crescente de acidentes e mortes envolvendo menores vítimas de desafios virtuais preocupa especialistas e o poder público, que avalia a criação de aplicativos de controle de conteúdo para limitar o acesso de crianças e adolescentes a materiais considerados perigosos. Mas onde está o perigo? Cada vez mais, parece que ele está em todo lugar acessível por um celular, computador ou tablet. Não apenas nas redes sociais mais populares, mas também em outras menos utilizadas pelo grande público — como o Discord —, em jogos multijogador como o famoso Roblox, ou mesmo em vídeos infantis disponíveis em plataformas como o YouTube. Desafios violentos se escondem na forma de brincadeiras, incentivando os mais jovens a cometerem atos violentos contra animais, contra si mesmos e contra outras pessoas. Crianças e adolescentes também estão expostos a pedófilos e traficantes de pessoas.

A discussão de temas como vigilância, controle e regulação das redes — entre outros — foi lançada sobre os ombros de pais e cuidadores, mas também das empresas proprietárias dos serviços e da sociedade como um todo. Afinal, de quem é a culpa quando um jovem morre vítima de um desafio na internet? Dos pais, que permitiram o acesso e não vigiaram? Das empresas, que não controlam — ou controlam mal — os acessos dos menores? Da sociedade, que normaliza a violência? De todos juntos? Será que devemos procurar culpados, ou apenas nos concentrar em regular melhor todos os processos e evitar que incidentes como esses se repitam no futuro?

Muitos pais e cuidadores desconhecem os perigos aos quais suas crianças e adolescentes estão expostos. Outros relatam a dificuldade de dizer não, de impor limites. Às vezes, culpam a falta de tempo para conversar, para monitorar. Sim, muitos terão dificuldade em impor limites, e outros tantos terão dificuldade em conversar, em encontrar tempo para cuidar do que precisa ser cuidado. Porém, é preciso lembrar que, neste caso, o que deve ser cuidado é o seu bem mais precioso: seus filhos, sobrinhos, netos.

Do poder público, precisamos exigir melhores formas de controle de acesso dos jovens a conteúdos considerados impróprios para a idade. Precisamos exigir que incentivadores da violência e outros criminosos atuando online sejam identificados e punidos.

A internet facilitou muito nossas vidas, nosso acesso à informação, ao lazer e a tantos outros recursos. A internet veio para ficar. Fugir dela não é possível, mas precisamos estabelecer normas — como em tudo mais que compõe uma sociedade. Do contrário, nossos jovens continuarão circulando desprotegidos nessa terra de ninguém.

Para ler mais:
https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2025/04/14/principal-suspeita-para-morte-de-crianca-no-df-desafios-na-internet-mataram-ou-feriram-56-menores-no-brasil-desde-2014.ghtml
https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2023/05/16/sociedade-brasileira-de-pediatria-alerta-para-aumento-de-desafios-perigosos-em-jogos-na-internet.ghtml
https://g1.globo.com/politica/noticia/2025/04/14/ministerio-justica-desafio-rede-social-morte-crianca.ghtml
https://operamundi.uol.com.br/opiniao/entre-tiktok-roblox-e-discord-infancia-e-adolescencia-na-era-digital/

ARTIGO ESPECIAL

Adolescência: Quando o quarto vira sala de aula e o algoritmo, o professor

Sandro Cavallote

Em 13 de março de 2025, a Netflix não lançou apenas uma minissérie - colocou no ar um diagnóstico brutal de nosso tempo. "Adolescência", produção britânica de quatro episódios, alcançou 96,7 milhões de visualizações em três semanas não por acaso: ela desnuda a crise silenciosa de uma geração criada na interface entre o isolamento físico dos quartos e a hiperconexão digital. A história de Jamie Miller, adolescente de 13 anos acusado de assassinato, transformou-se em espelho coletivo - e o reflexo revela nossa incapacidade de decifrar os códigos que regem a vida dos jovens em uma era em que a socialização migrou para plataformas que mercantilizam a vulnerabilidade.

Esses quatro momentos de reflexão propostos - com perspectivas pessoais, amplas e plurais - não apenas causaram impacto, mas desconstruíram um ideal elaborado pelos cuidadores: a falsa noção de segurança que assume que, estando em casa, em seu próprio espaço e no computador, o jovem estaria protegido. A série revela justamente o oposto: o perigo pode ser maior dentro do quarto do que na rua. E essa constatação, por si só, reposiciona nosso senso de alerta coletivo, exigindo de nós não passividade, mas movimento - movimento para buscar respostas, para questionar e, sobretudo, para debater.

Freud identificou o mal-estar inerente à civilização, mas não poderia antever sua mutação digital e como terceirizaríamos nossas responsabilidades afetivas. Carolina Delboni nos alerta em seu livro As dores da adolescência: "Os adolescentes precisam socializar. Encontrar seus pares e seus grupos para pertencer. É a partir dessas relações que ele será capaz de constituir sua identidade. De validar os pensamentos próprios, os gostos e desejos. Se relacionar, conviver, negociar. E isso também não se aprende pelas telas". A jornada de Jamie na série não é mera ficção criminal; é a materialização de como a solidão contemporânea pode ser instrumentalizada por grupos que vão da machosfera a células extremistas, todos competindo pela atenção (e adesão) de mentes em formação.

Neste cenário, a educação formal tornou-se um anacronismo patético - ainda ensinando a navegar em mares calmos enquanto os jovens são lançados a oceanos digitais infestados de predadores ideológicos. A psicanálise emerge como trincheira crucial, talvez a última onde o adolescente ainda pode ser acolhido como sujeito, não como dado demográfico ou potencial consumidor. Enquanto escolas debatem o uso de celulares em sala, plataformas redesenham diariamente a arquitetura cognitiva de seus usuários - sem supervisão, sem freios éticos, sem responsabilidade.

Na esfera íntima, exige que nos perguntemos: que pactos faustianos fizemos ao trocar presença por dispositivos? Quantas vezes o cansaço, a pressão do trabalho ou nosso próprio vício em telas nos transformaram em cúmplices desse sequestro da adolescência? O verdadeiro mistério não é por que Jamie cometeu um crime, mas por que tantos adultos se tornaram espectadores passivos da fuga de seus jovens para mundos paralelos - muitos deles perigosos. Essa passividade não é perceptível, pois assim opera a rede sem regulamentação: a de trazer conforto, humor, sensação de saciedade, diversão. A onipresença não apenas de um grande irmão, mas de uma grande babá full-time que está ali, à disposição, como se não estivéssemos remunerando-a com nossos dados, byte após byte, compra após compra, meme após meme.

No plano coletivo, o questionamento é mais incômodo ainda: até quando fingiremos que algoritmos desenhados para maximizar engajamento podem coexistir com desenvolvimento saudável? Quando normalizamos termos de uso ilegíveis, aceitamos vigilância constante como moeda de troca por entretenimento e tratamos a internet como terra sem lei, assinamos a certidão de óbito da infância como a conhecemos.

Sim, estamos cansados. Mas há uma necessidade urgente de parar de olhar para sintomas como se eles não tivessem um sofrimento prévio. Sintoma é aviso, é angústia, é tentativa de recalque. É um grande alerta para que olhemos para a dor. Se estamos cansados, precisamos começar a refletir sobre os reais motivos do cansaço de nossa sociedade. Senão, estaremos tratando cada sintoma com uma pílula diferente dia após dia, sem olhar para o que realmente precisa ser acolhido.

"Adolescência" não oferece finais felizes porque nossa realidade ainda não os tem. A série é um ultimato: ou assumimos o papel de adultos capazes de decifrar (e regular) os novos territórios onde a juventude se forma, ou assistiremos à ascensão de uma geração educada por máquinas de atenção cujo único currículo é o conflito permanente. O quarto pode estar fechado, mas a janela para agir ainda está aberta - embora não por muito tempo.

Bibliografia

DELBONI, Carolina. As dores da adolescência. 1. ed. São Paulo: Summus Editorial, 2025.
FREUD, Sigmund. O mal-estar na civilização. Tradução de Paulo César de Souza. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. (Original publicado em 1930).

BLOG DO NEPPA

A proibição dos celulares e o impacto na saúde mental dos adolescentes

Por Geiza Maria

Um dos temas mais discutidos neste início de ano letivo é a recente proibição do uso de celulares em escolas públicas e privadas (Lei 15.100/2025). A medida tem como objetivo melhorar o desempenho escolar e o desenvolvimento socioemocional dos estudantes. No entanto, pais e educadores estão preocupados com os impactos dessa restrição na saúde mental dos chamados “nativos digitais”.
Em O Mal-Estar na Civilização, Freud já discutia como cada época enfrenta suas próprias tensões e conflitos. O mal-estar, segundo ele, é inerente à vida em sociedade, resultante das exigências da civilização e dos instintos humanos. No cenário atual, um dos desafios é a onipresença das telas e a dependência... Leia o texto completo AQUI

ARTIGOS DESTA EDIÇÃO

A Adolescência: o conflito entre “Totem e Tabu” e a busca pela identidade

Por Camila Manga

A adolescência é uma fase cheia de altos e baixos, onde a pessoa começa a se perceber de maneira diferente e, muitas vezes, se questiona sobre tudo o que aprendeu até ali.
Pode parecer meio “cri-cri”, não é mesmo?
É que nesse processo, os jovens têm que encontrar um equilíbrio entre o que esperam deles e o que eles mesmos querem ser.
A psicanálise de Freud, especialmente sua teoria de Totem e Tabu, pode contribuir no acolhimento deste momento tão intenso da vida.
Quando pensamos na adolescência, logo vem à mente aquele... Leia o texto completo AQUI

“Canina” (Nightbitch) – indicação de filme

Por Gabriela Braun

Baseado no livro de Rachel Yoder, Canina (ou Nightbitch, no título original) é um filme que nos faz mergulhar no universo da maternidade. Quando assisti o trailer pensei que encontraria uma comédia bizarra com alguns toques de realidade. No entanto, já nas primeiras cenas do filme fui inundada por uma conexão direta com a protagonista interpretada pela atriz Amy Adams.
O filme aborda a história de uma mulher casada, que ao se tornar mãe resolve largar sua profissão para se dedicar aos cuidados do filho. Ela e o marido estabelecem um acordo onde ele continuará trabalhando para prover o sustento financeiro da família. O trabalho do marido faz com que ele esteja ausente vários dias da semana, fazendo com praticamente todo cuidado do filho esteja sob responsabilidade da mãe. Qualquer traço de realidade nesse relato é mera coincidência. Será?
Ao longo da narrativa acompanhamos a trágica... Leia o texto completo AQUI

NA TELA OU NA ESTANTE

As Dores da Adolescência: como entender, acolher e cuidar – Carol Delboni

A adolescência é uma fase marcada por transformações intensas, desafios emocionais e busca por identidade. No livro “As Dores da Adolescência: Como entender, acolher e cuidar”, a educadora e psicanalista Carolina Delboni aborda com sensibilidade e profundidade os dilemas enfrentados pelos jovens no mundo contemporâneo.

Em uma era dominada pela tecnologia e redes sociais, os adolescentes lidam não apenas com as mudanças típicas da idade — como os hormônios em ebulição, o luto pela infância perdida e a necessidade de pertencimento —, mas também com questões complexas como cyberbullying, assédio virtual, solidão, automutilação e pressão por desempenho.

Dividido em cinco partes, o livro explora temas urgentes e delicados, oferecendo insights valiosos para pais, educadores e profissionais da saúde mental. Delboni não apenas analisa as causas desses sofrimentos, mas também propõe caminhos para acolher, compreender e apoiar os jovens em sua jornada.

Leitura essencial para quem deseja entender os desafios da adolescência no século XXI e contribuir para um desenvolvimento emocional mais saudável.

Indicado para: Pais, professores, psicólogos e todos que se preocupam com a saúde mental das novas gerações

Se os gatos desaparecessem do mundo – Genki Kawamura

Se você já teve vontade de sumir do mundo — ou sentiu que alguém muito importante parecia invisível na sua vida — esse livro pode te tocar fundo.

“Se os gatos do mundo desaparecessem”, de Genki Kawamura, parece leve, mas fala de coisas que pesam no coração: a morte, o arrependimento, o que vale a pena manter... e principalmente, a relação entre pais e filhos.

Com os dias contados, um carteiro jovem e solitário recebe uma proposta inusitada: a cada coisa que ele aceitar fazer desaparecer do mundo, ganha mais um dia de vida.

E quem faz essa proposta? Ninguém menos que o Diabo — excêntrico, provocador.

Se você gosta de negociação, vai gostar da lógica “dele” para ajudar o jovem com mais dias de vida.

Às vezes, o amor está ali, mas não se fala. E a gente só percebe o quanto queria dizer algo quando já não dá mais tempo.

Esse livro pode ser um jeito delicado de abrir conversas difíceis com seus pais — ou de entender melhor o silêncio deles.

Adolescência (Netflix)

A série Adolescência dispensa apresentações — uma das séries mais assitidas de todos os tempos e vem dando o que falar. Com um estilo de filmagem bem próximo e quase documental, ela mergulha nos dilemas da juventude de forma direta e sensível.

O jovem protagonista entrega uma atuação marcante, cheia de verdade. Se ainda não assistiu, corre lá! Além de emocionar, a série levanta temas complexos como identidade, afeto, conflitos familiares e saúde mental — ótimos pontos de partida para pais que querem se aproximar mais do universo dos filhos e abrir espaço para conversas mais reais e necessárias.

NOVIDADES

2 novos episódios do Podcast do Neppa/EPC disponíveis!

Veja a lista de episódios AQUI

Aulas abertas do Neppa/EPC

Em 21/04 Sandro Cavallote inaugurou as Aulas abertas do Neppa /EPC com o tema "A crise da masculinidade". As aulas serão quinzenais. A próxima aula sobre "Lutos na adolescência" está agendada para o dia 19/05 e será ministrada pela psicanalista Mariana Avona. A gravação da primeira aula está disponível no canal do YouTube do NEPPA.

Até a próxima

NEPPA/EPC	SANDRO CAVALLOTE FABRICIO TAVARES
Grupo Editorial	Luciana Sianto Camila Manga Gabriela Braun Fabiana Tavares